

Espaço urbano teresinense entre a salvação e a perdição na década de 1950

Luciana de Lima Pereira¹

O espaço urbano que parte da juventude teresinense consumia na década de 1950 era uma das preocupações centrais da igreja católica local. Para esta instituição, Teresina oferecia lugares aos jovens que poderiam corrompê-los por meio de divertimentos não condizentes com a moralidade católica e, desta forma, desvirtuariam a formação espiritual e social de moças e rapazes, levando-os a perdição. Neste contexto, era necessário conjurar estes espaços para que a juventude não os consumisse e, assim, garantir a formação de uma sociedade mais comprometida com os valores católicos. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo o esforço da igreja católica, por meio de discursos e práticas, sacralizar e/demonizar o espaço urbano teresinense a partir dos usos e contra-usos feitos pela juventude católica da Capital na década de 1950.

Conforme, Rogério Proença Leite (2004), no cotidiano da cidade, por meio dos “usos de seus espaços públicos, seus habitantes delimitam diferenças e cria transgressões na paisagem urbana ao subverter os espaços esperados” (LEITE, 2004: 25). Na concepção da instituição eclesiástica de Teresina, os jovens teresinenses com comportamentos cada vez mais secularizado estava fazendo mau uso dos espaços voltados para o lazer, transformando-os em meios de perdição das jovens almas.

O segmento da juventude foi apresentado, a partir da década de 1930, como uns dos esteios apostólicos, para a difusão do catolicismo brasileiro, através da Ação Católica. Desta forma, era necessário “adestrar” estes jovens para os propósitos eclesiásticos. Segundo Luis Antônio Groppo (2000), na modernidade, “a infância e a juventude foram consideradas estágios perigosos da vida do indivíduo”, por estarem propensos tanto às doenças quanto aos desvios sociais e, por isso, era necessário um

¹ INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ- IFPI; Mestre em História do Brasil-UFPI.

controle sobre esses corpos para transformá-los em adultos saudáveis.² Paralelo a essa concepção, também, percebia-se os jovens como “fontes poderosas de energias transformadoras”. (GROPPO,2000:59). Neste contexto, a intervenção, na vivência desses setores jovens, era necessário, tanto para protegê-los dos males do corpo e dos males sociais, quanto para aproveitá-los para determinados fins, sendo que “a idade juvenil [...] era uma fase de preparação [...] para a idade adulta e a sociedade, fase da definição e uma identidade e de uma individualidade.”(**GROPPO,2000:59**)

Ao final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, essa idéia de disciplinarizar e adestrar os corpos dos jovens era um discurso recorrente no Piauí, tanto por parte de intelectuais, os denominados literatos, como por parte da igreja católica (CASTELO BRANCO, 2005: 78). A instituição eclesiástica pretendia, através da educação religiosa de escolas confessionais, Colégio Diocesano (Homens) e Colégio Sagrado Coração de Jesus (Mulheres), com as suas respectivas associações religiosas, Congregação Mariana da Imaculada Conceição (MELO,1928) e Associação Pia União Filhas de Maria³. Assim, a Igreja desejava, com isso, formar “futuros homens de letras” para as mulheres, voltava - se uma educação para formar futuras mães, com o objetivo único de formar fiéis comprometidos com a religião católica, imersos e obedientes ao projeto eclesiástico de romanizar o catolicismo, através da santificação dos teresinenses.

Na década de 1950, os jovens estavam experimentando, no período pós-guerra, uma sensação de liberdade, sendo, com relevo, percebidos como um segmento social à parte do mundo dos adultos. A juventude norte-americana serviu de parâmetro para os jovens, especialmente, aqueles do mundo ocidental. Nos Estados Unidos, “o que importava, para estes adolescentes, era a diversão” (FRIEDLANDER, 2003: 38) estavam isentos de preocupações com guerras e com sobrevivência e, ainda, recebiam ajuda de custo, passando a serem considerados como peças importantes no mercado consumidor. Neste contexto, conforme Simoni Luci Pereira (2008), nas décadas de 1950 e 1960 a mocidade/juventude passou a ter mais atenção da imprensa através da publicidade, em artigos abordando seus aspectos comportamentais, com o objetivo, em sua maior parte, de racionalizar a sua conduta. Paralelo a isto, os pais e adultos percebiam o universo

² Ao final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX

³ Criada durante o primeiro bispado do Piauí.

juvenil como independente e com certa inquietação diante de “valores próprios e plenos de potencialidades, que poderiam ser desenvolvidas, de maneira a corroborar com normas morais, comportamentais e sociais vigentes ou, de outro modo, contrapor-se a todas elas” (PEREIRA, 2008).

Assim, os jovens foram alvo de interesses da indústria ligada à música, moda, cinematografia, bem como dos discursos normatizadores. Para o discurso católico, essa população jovem tinha ganho, nesse período, uma relativa independência, o que causava abalos nas suas práticas pré-matrimoniais, portanto na sua fase de formação. A instituição eclesial percebia o matrimônio como uma forma de rito de passagem para a fase adulta. Nesse sentido, os jovens, por ainda não serem adultos, eram representados como seres frágeis, que poderiam cair facilmente na sedução do mundo moderno. No contexto, a partir da década de 1930 a meados do século XX, para igreja católica, era necessário que, além santificar a população jovem, trazendo-a para vivência católica romanizada, se fazia urgente enquadrá-las no projeto apostólico da Ação Católica para auxiliá-la na construção da neocristandade.

Numa concepção católica, este mundo moderno foi caracterizado por José Baetman como aquele que hostilizava e desprezava Deus, sendo que, nesta ambiência da modernidade, existiam grupos tidos como “empresários de prazeres [...] mestres de moda e por todos aqueles que a lisonjeiam e divinizam paixões brutais”. (BAETMAN, 1952:173). Nesse sentido, o mundo moderno era representado como algo que proporcionaria perigos à educação cristã. Dentre os perigos apontados, estavam o cinema, festas e bailes, sendo que, nestes locais, segundo Baetman(1952), se escondia o “veneno lento que penetrava gota a gota, que pervertia os espíritos, secava o coração e anemizava a vontade (BAETMAN, 1952:173). Em outras palavras, era, nessas ocasiões de divertimentos, que havia uma grande possibilidade de interação sexual entre rapazes e moças, o que poderia comprometer seus espíritos para o resto de suas vidas e de outras pessoas, ao formarem famílias. Como interpreta Groppo,

O lazer tornou-se um espaço e um tempo cada vez mais reconhecido pela sociedade e cada vez mais importante para hábitos contemporâneos de consumo. Nele, os grupos juvenis informais encontram momentos e locais extremamente favoráveis para o

desenvolvimento de suas atividades diferenciadas e relativamente autônomas em relação aos adultos. Fugindo das instituições já sedimentadas da modernidade – sistema escolar, as associações juvenis patrocinadas por adultos, a polícia, a justiça, o serviço militar etc.-, os grupos juvenis caíram nas malhas de novas instituições que eles próprios ajudaram a construir ou sedimentar (GROPPO, 2000: 53).

Assim, no âmbito do lazer os jovens foram os que mais atuaram. Era consenso, na imprensa teresinense, que a Capital era uma cidade pequena, com ares de província e que oferecia a seus habitantes poucos lugares e oportunidades de diversão. Na década de 1950, as praças do centro da capital eram as mais utilizadas, sendo que a mais famosa era a Praça Rio Branco e a Praça Pedro II. A primeira era considerada um ponto de encontro “para dali se dirigirem aos cinemas, teatros, cafés, bares, dentre outros espaços de sociabilidades” (LIMA, 2007: 23), sendo, no início da década de 1930, o principal local de lazer dos teresinenses. Este predomínio foi quebrado com a reforma da Praça Pedro II, em 1936, em cujo entorno foram construídos os cinemas, *Cine São Luis e Rex*, que logo conquistou a preferência dos habitantes da cidade, tantos das elites quanto das classes populares. A Praça Pedro II tinha uma parte mais elevada e uma parte mais baixa, “[...] as moças e rapazes de setores mais baixos da sociedade e também os casais de namorados preferiam a parte mais alta por ser menos iluminada” (SÁ FILHO, 2006: 38), e a parte de baixo era freqüentada por pessoas das classes médias e altas, lugar preferido desses jovens para o *flerte*. As noites eram animadas com as chamadas “retretas da banda da Polícia Militar”, que animavam os encontros e os namoricos dos jovens que circulavam na praça. Para as moças e senhoras, circular pela praça era uma oportunidade de tanto arranjar um namorado, um candidato para o matrimônio, quanto também mostrar aos outros os “últimos modelos da moda do Rio de Janeiro e daquela mostrada no cinema” (LIMA, 2007: 23).

A Polícia Militar tinha um papel importante na vigilância do trânsito feminino na praça. O movimento no local se intensificava entre as dezenove e vinte uma horas. Esta última hora era conhecida como a hora de “soltarem a onça”, quando soava a corneta da Polícia Militar, um aviso para senhoritas com uma moral e reputação a zelar voltassem para as suas casas, sendo que as mulheres, “as mais ousadas que

ficavam, estavam afrontando a reputação dos pais e ainda se expondo aos falatórios” (SÁ FILHO, 2006: 38).

Além disso, havia clubes, onde ocorriam os famosos bailes e shows, sendo o mais famoso deles, o Clube dos Diários. Também a Rádio Difusora de Teresina, com os seus programas de auditório e “shows”. Estes eram os espaços de diversão mais conceituados da cidade e se localizavam no centro, sendo, no geral, freqüentados por jovens e adultos das classes médias e altas teresinenses. Próximo a estes locais existia também uma zona de baixo meretrício.

Para na construção discursiva eclesiástica teresinense, era nos locais de lazer que rapazes e moças perdiam a convicção católica e, assim, afastavam-se da religião, desvirtuavam-se da vida cristã e iam se constituindo como candidatas perfeitos para a formação da família moderna. E para que isso não ocorresse, fazia-se necessário que a igreja católica, auxiliada pelos pais, fosse vigilante e proporcionasse aos jovens uma comprometida formação religiosa. Ao longo de sua ação pastoral em Teresina, a instituição eclesiástica foi criando mecanismos pedagógicos e disciplinares, na escola, nos lares e nas igrejas, para que a educação religiosa fosse sedimentada através do catecismo, das associações religiosas, da família cristã e dos sermões dominicais.

Desta forma, A igreja católica em Teresina, por meio de discursos e práticas tinha o objetivo de ‘disciplinarizar’ o comportamento feminino. O jornal *O Dominical* servia como um agente vigilante das práticas sociais cotidianas dos teresinenses e um instrumento de informação e formação dos católicos em Teresina. Além disso, o jornal também servia para prescrever práticas às mulheres, na tentativa de conservar um modelo feminino que estivesse de acordo com os seus propósitos de manutenção da ordem social neocristã e contrapô-las à conduta feminina *moderna*. Simbolicamente, a figura feminina, dentro das representações católicas, estava entre modelos temporais de Maria Santíssima ou de Eva, que, dentro do contexto do discurso católico, respectivamente, eram representados pelas insígnias de “moças antigas ou católicas” e “moças modernas.”

Para a igreja católica, “as moças modernas” estavam construindo espaços maculados na cidade de Teresina, através do seu comportamento coerente com o

“mundo moderno”, que era ditado pelas modas e modos não-cristãos e pelas películas exibidas no cinema. Conforme Ana Fani Alexandri Carlos,

[...] as relações sociais que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais e ocidentais na vida cotidiana. Revela-se como espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido pelo indivíduo por meio do corpo, pois é com todos os seus sentidos que o habitante usa o espaço, cria percebe os referenciais, sente os oradores dos lugares, dando-lhe sentido. Isto significa que o uso dos espaços envolve o indivíduo e seus sentidos, seu corpo; é por ele que marca sua presença, é por ele que constrói e se apropria do espaço e do mundo no plano lugar, no modo como usa o espaço e emprega o tempo da cidade cotidiana (2001:35).

De modo geral, estes “ditos” prescreviam que as mulheres teresinenses tivessem um percurso identitário a seguir e, assim, tinham que ser “filha, esposa e mãe”, as outras funções seriam secundárias. Os cronistas, ao enunciarem o modelo de mulher ideal, colocavam-se no papel de vigilantes da sociedade local. O contra-modelo da “donzela e esposa” seria o da “moça moderna”. Essa *moça moderna* era prescrita, na prática discursiva da igreja católica como uma porta para a entrada da corrupção social por meio de sua sensualidade, o que poderia *carrear muitas almas para o inferno* por intermédio das “modas provocantes”.

Os cinemas em Teresina eram, consideravelmente, freqüentados mais por moças, que por rapazes, sendo elas dos mais variados setores sociais. As sessões cinematográficas, não raro, estavam com lotação máxima. Os filmes, para a instituição católica, excitavam de maneira “[...] enfermiza a imaginação exaltada das mulheres, embotando-lhes a inteligência atrofia, anula a vontade, criando um tipo de mulher inútil, irritável e histérica” (O DOMINICAL, 1955: 4). Para completar o quadro, as salas de cinema eram caracterizadas por ser um ambiente escuro e também por ser concebido pelos jovens como um espaço de liberdade, pois estava fora dos olhares dos pais e responsáveis.

Outro perigo para a formação moral dos jovens, em especial para as moças católicas, eram os bailes que ocorriam nos clubes e casas de shows da cidade. O principal clube freqüentado pela elite teresinense era o Clube dos Diários, onde que ocorriam as tertúlias, que eram reuniões dançantes em que os pares, apaixonados ou não, dançavam ao som de sambas, boleros, fox-trot (CASTELO BRANCO, apud SÁ

FILHO, 2006: 41). Além desses lugares, existiam outros clubes que promoviam bailes, só que voltados para um público de classes mais populares, que eram Botafogo, Os Terríveis, O Automóvel Clube e a União Artística. Os bailes eram representados como uma armadilha do diabo, os quais seriam portas para os vícios, alcoolismo, para as paixões impuras, além de fazer arruinar os corações e fazer guerra à castidade. (O DOMINICAL, 1950: 3).

O jornal católico alertava as mães de que os bailes seriam espaços corruptores da moral e da honra de suas filhas e que os homens não escolhiam dançarinas como esposas. Este discurso católico queria sensibilizar as moças católicas para os perigos, tanto dos bailes, como também os risco de ficar sem marido, o que se constituía à época, mesmo com algumas modificações nos ideais de algumas moças da elite, no ideal de vida.

Desta forma, o roteiro tanto o de diversão, como o amoroso das jovens teresinenses, na década de 1950, composto por passeio na Praça Pedro II, cinemas e bailes, eram caminhos que teriam com conseqüência mais grave o afastamento das jovens de uma vida permeada pela santificação, portanto, de Deus. Na relação de responsabilidades familiares, os pais eram postos como culpados pela conduta de suas filhas, pois não as educavam dentro dos princípios morais religiosos e muito menos tinham controle e poder de vigilância sobre a prole feminina, deixando, assim, consolidar-se, o que a instituição católica denominou de “escola de divórcio”,

É a dos casamentos mal preparados e mal formados. As meninas soltas nas avenidas, nos cines, com seus namoradinhos, nos bailes [...] Apaixonaram-se pelo primeiro malandro que lhe diz amabilidades, e daí para o casamento vão só uns passos. Não compreendo como os pais deixam suas filhas nas trevas dos cines e nas ruas escuras, entregues aos rapazes aventureiros. Ora, nos casamentos assim preparados haverá seriedade e garantia de um futuro de família indissolúvel?

Não é uma verdadeira praga e um autêntico mal social o namoro nas ruas?

Ora, quando assim se preparam os casamentos, se preparam os desquites, as infidelidades e os divórcios. (BRANDÃO, 1955:2)

Não só as jovens, mas os rapazes da capital eram também vigiados pela instituição eclesiástica, assim como seu deslocamento na cidade nos seus mais variados espaços. No geral, o contra-modelo do bom moço, católico e participante das associações pias voltadas para o público masculino era denominado de juventude transviada.

Os *jovens transviados* teresinenses, no geral, eram de classe média e alta, eram referidos à época pela imprensa como os “menores,” que freqüentavam lugares não permitidos e faziam uso de bebidas e outros entorpecentes, como *lança perfume*. Antes de enfocarmos a questão dos menores na capital, faz-se necessário explanarmos sobre alguns aspectos da cidade de Teresina, seus *divertimentos mundanos masculinos*. Os jovens e senhores da Capital, além dos lugares usuais de sociabilidades, como praça, cinema e clubes, freqüentavam outros que eram condenados pela sociedade conservadora e cristã, que eram as “rodas de jogo” e os prostíbulos, dois fatores contribuintes para a construção de uma masculinidade definida pelas margens.

Ao final da década de 1950, os jornais *O Dominical* e *Folha da Manhã*, representavam Teresina como uma cidade sem lei estava imersa em práticas, que caracterizavam o desvio moral, em que a “jogatina” ganhava campo na cidade, transformando em espaços de perdição. Alardeava-se que a prática do jogo estava tomando proporções assustadoras no espaço urbano teresinense e estava presente em bordéis, clubes, como por exemplo, City Clubs, Comerciários, Fluminenses, e Hotéis, praças e mesmo em repartições públicas (FOLHA DA MANHÃ, 1958:4) Neste contexto os homens praticavam: *piff-paff*, pocker, dominó, sinuca e até jogo do bicho, que se constituíam em elementos para a destruição do lar. Os discursos católicos e laicos coadunavam que o jogo era uma atividade “perniciosa” para a sociedade, pois levava à ruína material e moral dos chefes de família, o que afetava a ordem social local, contribuindo, assim, para ser mais uma barreira à concretização plena de uma sociedade neocristã, pois a “jogatina”, segundo Mons. Arias Cruz (O DOMINICAL, 1958:5), levava à violência, porque “proliferava o vírus da ambição desenfreada.”

Tanto a instituição eclesiástica, quanto o jornal *Folha da Manhã* pediam para que as autoridades da “Polícia de Costumes” de Teresina tomassem as devidas

providências para reprimir a jogatina e também policiar a zona de prostituição da cidade, que crescia, de forma desordenada, como retrata José Vieira Chaves: ⁴

Uma época de verdadeira degradação está encontrando guarida nesta, digna de uma sorte melhor. Se não há providências para a jogatina, que agora é praticada nos próprios recintos públicos das repartições também não há, ao que nos conste, repressão para esse lenocínio desenfreado que avassala os pontos mais remotos da cidade, onde menores incautas estão sendo levadas ao mourão, como bois de currais. E não é só, se não há providência para reprimir o jogo que campeia livre e acintosamente, para combater a prostituição que se alarga de maneira vergonhosa, permitindo que velhas e conhecidas rameiras recheiem as algibeiras outrora desprovida, que ao menos superficialmente, se voltem para mendicância alarmante que infesta como indústria rendosa, os quatro cantos de Teresina. (CHAVES, 1958:3)

A presença de prostíbulos no espaço urbano e periférico de Teresina, na década de 1950, era marcante. Segundo Bernardo Pereira de Sá Filho (2006), Teresina era uma cidade que recebia muitos viajantes e retirantes desde mesmo a sua fundação em 1852, devido a sua acessibilidade através do rio Parnaíba, que viabilizava a vida econômica da cidade, devido aos seus portos. A Capital não oferecia meios de sobrevivência para muitos de seus habitantes, a alternativa que retratava a algumas mulheres pobres, para a sobrevivência diária, era a prostituição. A zona de meretrício era um lugar que sociabilizava “mulheres da noite e homens de segmentos sociais diferenciados. Solteiros e casados, todos se divertiam (SÁ FILHO, 2006)” Os cabarés se constituíam em espaços de construção/reafirmação da masculinidade, pois eram, geralmente, com as prostitutas que os jovens realizavam suas primeiras experiências sexuais. Teresina composta por três áreas distintas do exercício da prostituição que caracterizava bem as condições sociais da clientela.

[...] iniciava-se com a rua Paissandu e adjacência, a zona mais boêmia e mais estruturada, constituída dos cabarés mais famosos, clientes mais endinheirados e mulheres mais sedutoras. [...]. Ao chegar-se à Piçarra, encontrava-se a segunda zona em ocupação espacial, por casas de prostituição denominada de Morro do Querosene, cujo eixo

⁴ Articulista do jornal *Folha da Manhã*.

central era formado pelas ruas Santa Luzia e Tersandro Paz. Pequenos prostíbulos pontuavam as margens dos trilhos do trem até chegar à Estação Ferroviária de Teresina [...]. ainda seguindo a estrada de ferro, chegando-se ao bairro Mafuá [...] Ali concentrava-se um conjunto de pequenos cabarés formando outro baixo meretrício, chamado por alguns de *Canal de Suez*. [...] Partindo-se do centro da cidade para a periferia, em todas as direções deparar-se-ia com lugares de prostituição (SÁ FILHO, 2006:72).

Os prostíbulos eram espaços heterogêneos e alguns ofereciam, além de quartos, salões de festas e jogos, restaurantes e bares. Apesar de toda esta estrutura, estes locais eram mal higienizados, o que oferecia riscos à saúde dos seus frequentadores, através de doenças sexualmente transmissíveis.

Para a instituição eclesiástica, faltava a estes jovens uma convicção religiosa, o que iria comprometer seriamente a sua salvação, esta última seria conseguida por meio das seguintes práticas, penitência, obediência aos mandamentos da igreja, fazer orações e ser devoto. Segundo Franklin Castro Lima(1954), articulista católico e participante da U.M.C., apontou que muitos homens teresinenses percebiam essas práticas religiosas como femininas e por isso reservam-nas para as mulheres, o que para o articulista era um ato "lastimável [...] pois sendo homem do sexo forte, aqueles que enfrentam lutas, sustentam famílias, trabalham durante a vida, com mais pesadas das obrigações, estes mesmos virem mostrar tamanha falta de consciência.(LIMA, 1954:1)" Nesta análise, que o articulista faz da relação entre religião e homens, o autor reafirma o modelo do que viria ser masculino, que seria marcado pela virilidade, trabalho e a paternidade. Conforme Sócrates Nolasco (1993), até a década de 1960, através da paternidade, os homens se inseriam na "sociedade da qual faziam parte, consolidando [...] o processo de construção do modelo de identidade." (NOLASCO, 1993: 150,151).

Contudo, para a igreja católica, estas marcas identitárias de paternidade e trabalho, não eram suficientes para afirmar o homem como "sexo forte", pois a força masculina não era definida pelos músculos ou pelo sacrificio feitos em favor dos filhos e esposa, e sim, através de seus atos religiosos e resignados diante da igreja e de Deus. Aqueles homens que, apesar de se autodenominarem de católicos, não cumpriam com suas obrigações com relação à religião católica, eram subjetivados como homens

frágeis, porque sem religião, os mesmo se deixam escravizar pelas seduções e afastavam-se, de maneira crescente, dos bancos dos templos católicos. Dentro desta situação, ocorria uma inversão de papéis, os homens que deveriam ser guardiões morais e religiosos da família, mostrando, assim, sua força, não poderiam fazer, pois não tinham formação religiosa para tanto, com isso, delegavam seu papel para as mulheres, estas se tornariam, então, o "sexo forte".

Esta conduta masculina com relação à religião era denunciada no jornal católico, desde o reinício de suas atividades em 1948, que apontava, em suas colunas, que muita "gente graúda e condecorada de fitas de todas as cores do arco-íris e mais algumas [...] não conhecem o Sacrifício da Santa Missa nem a sua importância, e por isso mesmo não lhe dão o apreço devido"(O DOMINICAL, 1948:4). O cronista católico, identificado apenas como P.S. L, apontava que o entretenimento dos homens, nos dias de domingo, era ir ao estádio de futebol assistir a jogos ou então ficar em casa acompanhando pelo rádio as partidas irradiadas pela emissora da cidade ou pelas amplificadoras. No ano de 1944, a vida esportiva da Capital ganhou impulso com a fundação do Estádio Lindolfo Monteiro, onde se concentravam as principais partidas do campeonato piauiense, sendo que, as transmissões dos jogos pela Rádio Difusora de Teresina, levaram a população local a se interessar mais pelo futebol, tornando-o mais popular. No geral, as partidas dos campeonatos estaduais e municipais aconteciam pela tarde e eram irradiadas pela RDT, nos domingos.

O domingo era considerado pela igreja católica mais que os outros dias da semana, por excelência, como santificado, pois era neste dia que os fiéis demonstravam o cumprimento de suas obrigações religiosas através do comparecimento ao culto dominical, sendo que muitos senhores e jovens estavam trocando por um passeio ou então uma partida esportiva e, assim, "[...] fica[va]m surdos à voz amiga do sino [...] e passa[va]m o domingo sem missa"(O DOMINICAL, 1995:3) ou então compareciam aos cultos, mas não estavam devidamente trajados e só compareciam ao templo para apreciar não a palavra de Deus, mas para praticar o "flirt" com as cristãs presentes, ou seja, ia à missa, mas não ouvia a missa. Esta situação incomodava muito a igreja católica a ponto de seus defensores, como P.S.L (1955), cronista *d'O Dominical* lançar o questionamento: "E os homens, onde estão?".

A igreja está repleta.... de mulheres, mulheres de todas as idades e de todas as classes sociais, dir-se-ia que a função religiosa exclusivamente feminina. Ou então que à entrada da Igreja está escrito: 'Interdito aos homens-Só para mulheres'. Perdão! [...] ainda estou vendo um rapazinho de camisa de desporto, bem ali, perto daquela moça de vestido escandalosamente decotado. Pela posição que tomou, ele parece mais um caçador do que um jogador, pois está prontinho para atirar. Só falta a arma [...] A missa que deveria ser participada ativamente por todos, é assistida desinteressadamente, indiferentemente, friamente, e muitas vezes forçadamente, sobretudo, pelos homens. [...] Que quadro desolador para quem sabe que o cristianismo não é uma religião só para mulheres!

[...] O rapazola de camisa só uma coisa o empolga neste mundo: uma animada partida de futebol. E assim a palavra de Deus paira no ar porque não encontrou acolhida naqueles corações.

Ao fim da prática do vigário dá dois avisos paroquiais: À tarde, reunião das Filhas de Maria- Logo após, a recepção das associadas, etc. E para os homens, especialmente, o que vai haver? Nada: Mesmo que houvesse, eles não viriam, porque o Flamengo vai jogar com Botafogo, hoje, numa partida decisiva da rodada, e eles não podem perder. Não se opõem as mulheres substituí-los na Igreja. O Sr X ao ficar ao pé do rádio, diz jocosamente à mulher que vá a benção: 'Vá, minha velha, e reze por nós dois'! Ainda bem que não faz oposição sistemática à religião, proibindo à família de freqüentar a Igreja.

E, assim, a Igreja está repleta... Sente se, contudo, a grande ausência daqueles que deveriam está lá e não estão: os homens (P.S.L, 1955:3).

Como já foi comentado, a igreja foi, ao longo do tempo, dispensando às mulheres uma maior atenção de suas estratégias de disciplinarização em detrimento dos homens, e isso poderia ser constatado através das variadas associações destinadas ao público feminino, e as que não eram, na sua maior parte, estavam formadas por mulheres. E, exclusivamente, para a juventude masculina, eram destinavam-se duas congregações, Congregação Mariana e União dos Moços Católicos, a primeira radicada no Colégio Diocesano e a segunda tinha como sede a paróquia de São Benedito. Ao contrário do que o cronista P.S.L.(1955) informa, nas tarde de domingo, desde 1949, ano de sua fundação, a UMC proporcionava aos seus associados uma programação variada durante as tarde de domingo, contudo, apareciam poucos interessados. Com Dom Avelar Brandão Vilela, foram criados institutos leigos da Ação Católica

Especializada, que eram destinadas, tanto para os homens quanto para as mulheres. O grupo que recebeu uma maior atenção, até 1960 foi a Juventude Operária Católica (1959), que teve em Teresina, tanto a sua sessão masculina quanto a feminina. Todavia, seus estatutos eram unificados, porém sua finalidade estava voltada mais para a formação do jovem para o mundo do trabalho, não desprezando o seu lado espiritual. Este modelo de juventude que começou a ser organizado, a partir do final dos anos de 1940 em Teresina, apesar das peculiaridades de cada grupo do apostolado leigo moderno, era do tipo “militante,” que ambicionava transformar cada jovem, homem ou mulher, em um “soldado de Cristo,” preocupados em ser um instrumento da hierarquia católica para, assim, servir de auxílio para *restaurar a ordem social cristã*.

Para a instituição católica, Teresina oferecia em seu perímetro urbano, locais que poderiam levar rapazes e moças para a perdição por meio de seus usos e contra-usos. Este espaço citadino teresinense se torna *lócus* de “disputas práticas e simbólicas” (LEITE, 2004:25), formando um campo espiritual em que agem forças que levariam os seus pretensos fiéis ou a salvação ou a perdição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A MEU ver. *O Dominical*, Teresina, n. 6, 27 jun. 1948

BAETMAN, José. *A formação da donzela*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1952

BRANDÃO, Mons. Ascânio. Escola de divórcio. *O Dominical*, Teresina, n. 5, 30 jan. 1955, p. 2

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Famílias escritas: a prática discursiva dos literatos e as relações familiares em Teresina nas primeiras décadas do século XX*. 2005, 244p. Tese (Doutorado em História)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. [2005].

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000

JOGO de azar. *O Dominical*. Teresina, n. 16, 11 maio 1958, p. 5.

LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidades, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)*. 2007. 169 f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, [2007]

MELO, Severino Vieira de. Portaria n. 11. Teresina, abr. 1928

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

O jogo alastra-se. *Folha da Manhã*. Teresina, n. 540, 19 jul. 1958, p. 4

OS SINOS chamam. *O Dominical*, Teresina, n. 17, 24 abr. 1955, p. 3

PEREIRA, Simoni Luci. Juventude e metrópole no Rio de Janeiro dos anos de 1950 e 1960. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18415/1/R0143-1.pdf>>. cesso em 28 fev. 2008

P.S.L. E os homens, onde estão? *O Dominical*, Teresina, n. 41, 9 out. 1955, p. 3

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. Cartografias do prazer: boemia e prostituição (1930-1970) 161 f. Dissertação (Mestrado em História)-Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, [2006]